

ZONAS ANTRÓPICAS DE IDENTIDADE, PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO CULTURAIS EM TEXTOS LITERÁRIOS DE EXPRESSÃO POPULAR

Profª Drª Maria de Fátima Barbosa de M. Batista

Universidade Federal da Paraíba

Programa de Pós graduação em Letras

Este trabalho aplica a proposta teórica da semiótica das culturas a textos literários levantados na tradição popular amazonense. Em um universo de pesquisa de que fizeram parte formas diversas de expressão popular (contos, lendas, romances e folheto), orais ou escritos, escolhemos uma amostragem constituída de dois tipos: um romance oral e um texto de cordel.

O texto de cordel escolhido foi *O chapéu do boto*, escrito por Antônio Juraci Siqueira, poeta marajoara, que descobriu a literatura nos folhetos, onde cantou e contou as histórias que ouviu do seu povo. Esta, por exemplo, ele afirma ter escutado da avó e ter acontecido às margens do rio Cajary.

O romance oral foi a *Nau Catarineta*, levantado por José Veríssimo (1889) entre os índios Maués do Amazonas que viviam, segundo o autor, em malocas espalhadas pelos rios Andirá e Canumã. Bráulio do Nascimento, estudioso da tradição oral brasileira, publicou no Seminário Cátedra Menéndez Pidal (Espanha, 1977:115-124), um artigo intitulado *Um romance tradicional entre os índios do Amazonas no século XIX*, onde compara a versão encontrada por José Veríssimo com aquela encontrada por Théofilo Braga no *Romanceiro geral português*, editado em Coimbra pela Imprensa Universitária (1877). O estudioso observou uma grande semelhança entre as versões portuguesas e brasileira, o que nos permite considerar que, mesmo repetido por falante não ibérico, o texto mantém vestígios da cultura que o produziu.

Os textos foram examinados segundo as zonas antrópicas de identidade, de proximidade e de distanciamento cultural. O arcabouço teórico, portanto, vincula-se à noção de cultura que é necessária para pensar a unidade na diversidade, uma vez que as populações “se diferenciam pelas escolhas culturais cada uma inventando soluções originais para os problemas que lhes são colocados (Cucho, 1996:10).

Sonesson (1997) considera que o termo Semiótica das Culturas foi inventado pela escola de Tartu para descrever os sistemas semióticos presentes numa cultura, ou mecanismo organizador desses sistemas da forma como eles são atualizados em uma cultura. Considera, portanto, a relação entre vida e sociedade, ou as relações entre os sujeitos na construção conjunta de um organismo social.

Mesmo considerando a importância dos semioticistas da linha russa e a possibilidade de interpenetração dos conceitos pertinentes às duas tendências, é oportuno lembrar que este trabalho está direcionado para a proposta teórica da linha francesa de estudos semióticos, da qual a semiótica das culturas é um dos seus ramos. Esta linha vê o texto como produto de um discurso e, neste sentido, há tantos textos quantos forem os discursos produzidos, podendo-se falar de um espetáculo semiótico, constituído de vários textos em outras semióticas-objeto (gestual, musical etc). Veja-se, por exemplo, a citação de PAIS (2006, p.94):

..... *Compreende o discurso um duplo processo de enunciação: a produção de um texto pelo emissor, na codificação — enunciação do emissor — e a produção de um texto pelo receptor, na decodificação — enunciação do receptor.*

O discurso, portanto, é o lugar das relações intersubjetivas, nas quais os sujeitos deixam transparecer sua visão de mundo, as hipóteses que levantam sobre o seu interlocutor e sobre os enunciados por eles produzidos. Considerando que os sujeitos são diversos entre si, pode-se

afirmar que os discursos são, em sua essência, pluriculturais. Na literatura popular, uma vez que estes sujeitos assumem, modificando, discursos anteriores manifestados dentro de uma comunidade, o texto popular é pluricultural, não só pela diversidade racial, genérica, social e até de faixa etária dos sujeitos envolvidos, como pela diversidade de semióticas-objeto utilizadas.

O estudo de uma semiótica das culturas está vinculado ao de identidade cujo conceito pressupõe o de alteridade. No dizer de Zilá Bernd (2003: 17)

“...a identidade que nega o outro permanece no mesmo (idem). Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro.”

Quanto à identidade coletiva, continua a autora, “é preciso encará-la como um conceito plural” onde “as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para construir um mosaico”.

A consciência de uma identidade coletiva se forma numa visão conjunta do olhar do eu e do olhar do outro. O sujeito não está no meio do mundo, separado dos demais, mas com outros, recebendo e ajudando numa troca mútua, cujos resultados serão construções benéficas e produtivas.

Rastier (2002:6) considera que as culturas não podem ser descritas a não ser diferencialmente, como os objetos culturais que as compõem, em especial as línguas e os textos.

“A reunião do ser vivo com a sua circunvizinhança” — para Rastier (2002:246) — “é a condição universal da evolução biológica”. No nível semiótico, a circunvizinhança do homem se caracteriza por quatro rupturas: a ruptura pessoal que opõe o par interlocutório *eu* e *tu* a uma terceira pessoa ausente da interlocução; a ruptura local que opõe o par *aqui* e *alí* a um terceiro termo *lá* (ou ali) igualmente ausente da enunciação; a ruptura temporal que opõe o *agora*, o *recente* e o *futuro próximo* (zona circunstante do presente da enunciação) ao *passado* e ao *futuro* (distantes, conhecidos indiretamente e muitas vezes lendários) e a ruptura modal que opõe o *certo* e o *provável* ao *possível* e *real*.

Estas rupturas são gramaticais e constituem objeto de escolha incessante dos locutores, devendo todo enunciado ser situado pelo menos em uma dessas zonas. As homologias entre estas rupturas permitem distinguir três zonas: uma de coincidência (a zona identitária), uma de adjacência (a zona proximal) e uma de diversidade, (a zona distal). É sobre a relação entre estas três zonas, nos textos escolhidos como *corpus*, que discorreremos neste ensaio com vistas a estabelecer a visão dos sujeitos em relação aos seres que estão próximos ou distantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BRAGA, Théofilo. *Romanceiro Geral Português*. Lisboa: Edição fac-similada: Vol. I, II e III: Editora Veja Ltda, 1982

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002

NASCIMENTO, Braulio. *Um romance tradicional entre os índios do Amazonas no século XIX*. Seminário Cátedra Menéndez Pidal : Espanha, 1977

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, discurso e universo de discurso: aspectos das relações entre enunciação e enunciado In *Revista Brasileira de Linguística*, Vol 14, Nº 1. São Paulo: Universidade Braz Cubas: Terceira Margem, 2007

RASTIER, François et BOUQUET, Simon. *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002

SIQUEIRA, Antônio Juraci. *O chapéu do boto*. 5ª Ed. Condor: Belém-PA, 2007 _____ *Poemas míticos*. Condor: Belém-PA, 2005

SONESSON, Göran. Os limites da natureza e cultura em semiótica da cultura In *Documentos da quarta reunião bianual da Sociedade Sueca para estudos sematológicos*. Universidade de Linköping: Richard Hirsch Editores, 1997.

VERÍSSIMO, José. *Estudos brasileiros*. Pará: editor Tavares Cardoso, 1889.